

# A intuição na teoria do conhecimento de William Whewell

*Rita Foelker\**

*Sonia Maria Dion\*\**

**Resumo:** Para o filósofo inglês William Whewell, a multiplicidade de observações e o refinamento dos resultados alcançados no decorrer dos séculos, através de uma forma elaborada de indutivismo, nos permitem compreender a ciência progredindo rumo às verdades necessárias e universais, além dos limites do psicologismo e do ponto de vista particular. A intuição ocupa nesse processo um papel crucial, o qual vem recebendo dos comentadores diferentes interpretações. O estatuto epistemológico da intuição e em que medida ela se insere no processo de descobrimento de verdades são questões que analisaremos neste artigo.

**Palavras chave:** ciência; epistemologia; intuição; Whewell

**Abstract:** To the English philosopher William Whewell, the multiplicity of observations and the refinement of results reached during the centuries, through an elaborated form of inductivism, allows us to understand science as developing towards necessary and universal truths, beyond the limits of the psychologism and particular point of view. Intuition holds a crucial role in this process that has received different interpretations from commentators. The epistemological status of intuition and in what proportion it is placed in the process of discovering truths are issues we will analyze in this paper.

**Keywords:** epistemology; intuition, science; Whewell

## Introdução

William Whewell, além de filósofo, foi cientista, historiador da ciência e mestre do Trinity College de Cambridge, tendo produzido sua obra científica e filosófica no ambiente cultural da Inglaterra vitoriana. Bird (2008, p. 67) considera que foi graças a ele que a história da ciência encontrou seu lugar na vida acadêmica, a partir do século XIX, pois até então ela sempre fora utilizada apenas como introdução aos textos filosóficos.

---

\* Mestranda em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu. Bolsista CAPES. E-mail: rfoelker@gmail.com

\*\* Doutora em Educação, Professora do Programa de Mestrado em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu. E-mail: prof.sdion@usjt.br

[Artigo recebido em 23.07.2010, aprovado em 10.06.2011]

Um traço marcante de seu pensamento epistemológico advém do fato de ser ele um pós-humeano que afirma que a ciência indutiva pode produzir verdades universais e necessárias, diferentemente do empirismo dominante no período, o qual, por intermédio de Locke e Hume, apontava os sérios problemas de justificação empírica da indução. Whewell concebeu um modelo de ciência indutivista sofisticada, na qual os elementos ideais também desempenham uma função decisiva. Mesmo incorporando a crítica de Hume à indução, pois concordava com as falhas do método em fornecer evidências científicas, a solução de Whewell foi eminentemente original, sem pender para o idealismo que predominava na filosofia alemã.

Chibeni (2006), Fisch (1985a), Morrison (1990) e Snyder (2004), reconhecem as virtudes confirmatórias de seu critério de *consiliência de induções*,<sup>1</sup> embora discordem de que ela conduziria ao encontro de verdades científicas necessárias, como pretendia Whewell.

Neste artigo consideraremos o papel da intuição em sua epistemologia, e em que medida ela se insere no processo de descobrimento de verdades, tendo em vista que seu estatuto tem sido interpretado de diferentes maneiras pelos comentadores.

Segundo Snyder (1994), Whewell pretende que o termo se refira a uma apreensão “imediatá”, mais que “não racional” de uma ideia. O intuito da autora é afirmar que uma verdade necessária pode ser conhecida *a priori*, imediatamente, apenas pelo fato de se ter apreendido distintamente o sentido da Ideia Fundamental – conceito que examinaremos adiante – da qual ela deriva. A intuição de uma verdade necessária ocorreria uma vez que o conteúdo da Ideia se tornasse claro e distinto para o cientista. Na ausência de tal distinção, não haveria intuição.

Embora concorde com Snyder (1994) quanto ao imediatismo, Morrison (1997) entende que este está relacionado a um “aspecto estrutural” do conhecimento humano (cf. 1997, p. 430), caracterizando a intuição segundo Whewell como uma forma de psicologismo. Assim, a necessidade e universalidade das afirmações da ciência estariam fundadas

---

<sup>1</sup> *Consiliência de induções* é a “capacidade de uma teoria unificar classes de fenômenos conhecidas, mas até então tidas como desconexas” (Chibeni, 2006, p. 227). O exemplo clássico de teoria consiliente é aquele que reúne sob uma mesma lei – a da Gravitação Universal – fenômenos como a atração entre os planetas, a queda dos corpos e o movimento dos pêndulos.

num estado psicológico, um estado de consciência “imediatamente”, fornecido por nossa intuição.

As duas autoras consideram o imediatismo a qualidade mais importante da intuição, no entanto, Snyder (1994) crê que sua principal característica é o apriorismo das noções adquiridas no estudo e trabalho contínuo do cientista, como base para intuir verdades. Morrison (1997) localiza a intuição na psicologia do conhecimento humano, o que, segundo ela, distingue a posição de Whewell do transcendentalismo kantiano, mas também se distancia do empirismo de seus antecessores, por se basear na noção de um “sexto sentido”<sup>2</sup>. Seria o imediatismo o caráter principal da intuição para Whewell?

Acreditamos, que a leitura do texto original de Whewell, em particular de *Aphorisms concerning ideas, science, and the language of science* (1840), permite uma interpretação que difere da apresentada pelas duas autoras e pode encontrar apoio em outros trechos do próprio filósofo. Para sua apresentação iniciaremos tratando de alguns tópicos da teoria do conhecimento de Whewell, que são essenciais para compreender a questão e, em seguida, passaremos à análise do papel que ele atribui à intuição na busca do conhecimento.

### **Da antítese às ideias fundamentais**

Um dos pontos de partida da compreensão do pensamento de Whewell, no que concerne à sua epistemologia, é o estudo daquilo que ele próprio denomina “antítese fundamental da filosofia”. Sua definição e explicação surgem logo nas primeiras páginas de *The philosophy of the inductive sciences founded upon their history* (1840), e pode ser entendida, para uma primeira aproximação, como a tese que busca explicar como os elementos formais e materiais do conhecimento se fundem numa experiência unificada.

De fato, falar em elementos formais e materiais já implica em subverter de algum modo a noção da antítese. Whewell enfrenta o tema da dicotomia criada por autores como Aristóteles e Kant – entre elementos materiais e formais – e Locke – entre sensação e reflexão, mostrando que tais oposições são concebíveis na filosofia, mas que na experiência de conhecer seus polos são inseparáveis.

---

<sup>2</sup> Sobre o tema ver Morrison (1997), p. 432.

Para ele, a distinção entre pensamentos e coisas está longe de ser clara e definida, como presume o senso comum. Pois, a fim de que a experiência faça sentido, para que se consiga ordenar e compreender os dados dos sentidos, meras sensações são insuficientes. É preciso que a atividade mental imponha sobre os dados percebidos um conceito, uma relação. Nas palavras do filósofo:

Nós vemos e ouvimos e tocamos coisas externas, e desse modo percebemo-las pelos nossos sentidos; mas ao percebê-las, nós conectamos as impressões dos sentidos de acordo com relações de espaço, tempo, número, semelhança, causa etc. (Whewell, 2010, p. 25)<sup>3</sup>.

E, a partir daí, torna-se cada vez mais claro no decorrer da obra que, em sua filosofia, os elementos do conhecimento que se costuma estudar separadamente são, de fato, partes de uma mesma e única ação de conhecer. Ele explicará cada um dos desdobramentos de sua antítese, como ela se aplica a termos como pensamentos/coisas, verdades necessárias/verdades experienciais, dedução/indução, teoria/fato, ideias/sensações, reflexão/sensação, subjetivo/objetivo, matéria/forma, tornados conceitos distintos para fins de estudo e reflexão, mas que, na prática, são faces de uma mesma moeda, impossíveis de serem isoladas.

Whewell prossegue seu raciocínio, acrescentando mais uma premissa:

Agora pelo menos alguns desses tipos de conexão, como espaço, tempo, número, podem ser contempladas em separado das coisas às quais elas são aplicadas; e, assim contempladas, eu as chamo de Ideias. (2010, p. 25)

Segundo ele, Ideias Fundamentais são as leis do pensamento ou leis da atividade mental, por meio das quais a mente fornece estrutura ou forma a uma multiplicidade de sensações, expressando as relações entre elas.

Eu denomino espaço, tempo, causa etc, *Ideias*, porque elas são relações gerais entre nossas sensações, apreendidas por um ato da mente, não pelos sentidos simplesmente. Essas relações envolvem algo além do que os sentidos sozinhos poderiam fornecer. Pelo sentido da visão nós vemos várias sombras e cores e formas diante de nós, mas os *contornos* pelos quais eles estão separados como objetos

---

<sup>3</sup> Os trechos citados de Whewell e seus comentadores foram traduzidos do inglês por Rita Foelker.

distintos de formas definidas, constituem o trabalho da própria mente. E novamente, quando nós concebemos coisas visíveis, não apenas como superfícies de certa forma, mas como *corpos sólidos*, dispostos a várias distâncias no espaço, nós de novo exercemos um ato da mente sobre eles. Quando vemos um corpo se mover, vemo-lo mover num caminho ou órbita, mas essa órbita não é, ela própria, vista; ela é construída pela mente. [...] Tais atos do pensamento, tais Ideias, se inserem em nossas percepções de coisas externas. (Whewell, 2010, p. 25)

Butts (1965) vislumbrou nas Ideias Fundamentais uma forte semelhança com a noção de ‘categorias’ kantianas, mas de fato, embora Whewell admita a influência de Kant sobre seu pensamento, elas são bastante diferentes. Em *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, seis diferenças importantes são mencionadas (cf. Snyder, 2006). Por exemplo: supridas pela própria mente, as Ideias resultam de sua constituição particular e atividade, razão pela qual não são inatas, como as categorias, e tampouco sua origem independe completamente da experiência, como propôs Kant em seu sistema. Também as Ideias não existem em número definido, como as categorias, podendo ainda haver outras a serem descobertas. Uma distinção importante entre ambas é o fato de não se constituírem as Ideias Fundamentais em ‘condições da experiência’, mas em condições do próprio conhecimento, conforme escreve Whewell em *Demonstration that all matter is heavy* (cf. Whewell, 1841, *apud* Butts, 1965, p. 163).

### **Necessidade, segundo Whewell, e pretensões da ciência**

Até o momento, as noções de antítese fundamental da filosofia e Ideias Fundamentais foram sintetizadas. Sua compreensão é o primeiro passo para esclarecer o que Whewell entende por ‘conhecer’.

Uma característica peculiar do seu indutivismo é a tese de que a experiência não é suficiente para atingir o conhecimento. Segundo Whewell, conhecer é conhecer verdades necessárias, contudo, “experiência não nos conduz a verdades universais e necessárias: – não às universais, porque não tentou todos os casos: – não às necessárias, porque necessidade não é matéria sobre a qual a experiência possa testificar (2009 [1840a], p. 3). Estas palavras resumem uma ‘definição negativa’ de verdade necessária, aquela que nos diz o que alguma coisa não pode ser. Mais difícil é compreender o que positivamente seria uma verdade necessária, segundo Whewell, e como se chega a conhecê-la.

As Ideias, como vimos, são os elementos internos que nos possibilitam relacionar os eventos do mundo externo, pois são capazes de conectar os dados que, sem elas, seriam apenas informações desprovidas de ordem e sentido.

Cada Ideia Fundamental origina certas *concepções*, as quais se ajustam aos casos particulares de cada ciência. Concepções são modificações da Ideia Fundamental, que permitem ao cientista aplicá-la na interpretação dos fenômenos. A concepção de “causa como força”, que serve para interpretar os fenômenos mecânicos, é um exemplo. A concepção aplicada aos fenômenos de maneira apropriada poderá conduzir à afirmação de uma lei empírica, a qual irá coligar<sup>4</sup> fatos ou fenômenos por meio da relação presente na Ideia.

Uma Ideia em si mesma, no entanto, jamais é conhecida diretamente, mas apenas por meio dos axiomas que dela derivam. “A Ideia é descoberta, mas não totalmente revelada, comunicada, mas não transfundida, pelo uso que dela fazemos na ciência” (2010, p. 73). Desta forma, o axioma “todo efeito tem uma causa”, expressa uma verdade universal e necessária contida na Ideia de Causa, mas a própria Ideia está além de nossa compreensão e raciocínios.

Por sua vez a experiência, tomada em sentido amplo<sup>5</sup>, não nos oferece o acesso a verdades universais e necessárias, mas tem o poder de nos levar à “intuição” das mesmas. “Verdades são fincadas em nossas mentes pela experiência, assim como as sementes são fincadas no solo” (2010 [1860], p. 345).

Quando se adquire o conhecimento de uma verdade necessária, duas condições são preenchidas: (i) ela é derivada da experiência e (ii) sua negação é não apenas falsa, mas conceber o seu contrário distintamente é impossível (cf. Butts, 1965, p. 164). Verdades necessárias, segundo Whewell, não são, portanto, analíticas, no sentido kantiano, mas

---

<sup>4</sup> *Coligação dos fatos* é a operação mental que reúne um número definido de fatos empíricos, superinduzindo a partir deles uma concepção que os une e permite serem expressos por uma lei geral.

<sup>5</sup> Butts (1965) claramente identifica dois sentidos para o termo ‘experiência’ nos textos whewellianos. Num primeiro sentido, mais específico, trata-se da observação e experimento científicos. Mas ele também o utiliza em sentido mais geral, como sinônimo de ‘percepção’. É neste segundo sentido que a experiência conduz à distinção entre verdades contingentes e necessárias.

pressupõem experimentos e observações, sendo informativas sobre o mundo. Aliás, segundo o filósofo afirma em *On the philosophy of discovery*, “o Progresso da Ciência consiste na transferência de fatos, do lado empírico para o lado necessário da antítese [fundamental da filosofia]” (2010 [1860], p. 303).

### O fundamento da necessidade

O fundamento da necessidade para Whewell teria caráter teológico, segundo Snyder (1995), pois não podemos compreender a noção whewelliana de verdade necessária sem entender como a Ideia de um Deus Criador e Mantenedor das leis da Natureza participa de sua teoria do conhecimento.

Butts (1965) compartilha dessa concepção, ao afirmar que os pressupostos contidos no “inquestionável, literalmente ontológico Cristianismo teísta” (*id.*, p. 180) são a última grande influência no pensamento whewelliano acerca do conhecimento.

Já Fisch (1985b) discorda desse entendimento. Para ele, a necessidade é estabelecida por outro meio e Whewell não utiliza Deus para justificar sua concepção de conhecimento, porém, ao contrário: aplica sua concepção de conhecimento para postular a existência de Deus (cf. 1985b, p. 312-313). E o conhecimento da verdade deriva então de duas fontes: a verdade contingente surge da observação e correspondência com o mundo, e a verdade necessária provém da atividade de uma “elite científica” com “mentes treinadas” e concepções (no sentido whewelliano) suficientemente claras e distintas para intuí-la (cf. *id.*, p. 305).

Qualquer que seja o fundamento das verdades necessárias, porém, o ser humano não as recebe prontas e acabadas. O acesso às verdades necessárias é progressivo (cf. Whewell, 2010 [1860], p. 354), e a possibilidade de desvendá-las se relaciona ao lugar especial que o ser humano ocupa na Criação e à gradativa ampliação de nossa capacidade de acessá-las, por meio do estudo e da disciplina intelectual.

Ao propor explicações<sup>6</sup> para as Ideias, os cientistas constroem concepções sobre elas, e a realização dos experimentos vai permitir determinar se tais concepções coligam os fatos de maneira correta, ou se a

---

<sup>6</sup> *Explicação* na epistemologia whewelliana é o processo de desdobrar o sentido de uma Ideia ou concepção.

concepção precisa ser melhor formulada. Aqui entram os critérios de predição, coerência<sup>7</sup> e consiliência de induções (v. nota 2). Quando uma teoria passou pelos três critérios, ela pode ser considerada uma verdade experiencial ou contingente. Se ela falhar, significa que a concepção não expressava a Ideia Fundamental de forma correta e precisa ser reformulada. Contudo, uma vez que a Ideia é interpretada corretamente, seus axiomas deixam de ser mera teoria para serem fatos que já podemos conhecer *a priori* e que, portanto, constituirão a partir dali nossa visão de mundo e nossos pressupostos científicos.

E dado que os fatos observados revelam axiomas que podemos conhecer sem mais apelo à experiência, há uma possibilidade aventada pelo próprio filósofo de que, a partir de certo ponto, uma ciência bem articulada, como a Mecânica, possa se desenvolver apenas por dedução dos axiomas conhecidos. Isto afirma Butts (cf. 1965, p. 172). Snyder (cf. 1994, p. 804) entende que a possibilidade se estende a todas as ciências.

Desde que as concepções presentes nas Ideias Fundamentais são informativas sobre o mundo e, simultaneamente, verdades necessárias sobre ele, a ciência possibilita aclarar e tornar distinto seu significado, a fim de que elas sejam usadas para coligar os fatos em proposições necessárias e universais.

Whewell, contudo, observa que “na contemplação do universo, embora compreendamos muito, sempre há de ter algo que não compreendemos” (2010 [1860], p. 306). Ainda assim, é função da ciência buscar verdades necessárias, para se atingir um real entendimento do mundo.

E cabe-nos saber não apenas o que é verdade, mas por que é verdade. Afinal, as coisas são como são, não por acaso, mas em consequência das Ideias Divinas que elas expressam. Segundo o filósofo,

nenhuma filosofia da ciência pode estar completa se não for também uma filosofia do universo; e nenhuma filosofia do Universo pode satisfazer homens zelosos, se não incluir uma referência ao poder pelo qual o universo se tornou aquilo que ele é. (2010 [1860], p. 354)

---

<sup>7</sup> “O que Whewell chama de ‘coerência’ é baseado na ideia de que teorias científicas mudam com o tempo como resultado de novas investigações. Se uma teoria se torna mais coerente (unificada, simples), ficamos mais convencidos da sua verdade.” (Achinstein, P., *apud* Psillos, S.; Curd, M., 2008, p. 341, tradução de Rita Foelker)



Dessa forma, o fundamento das verdades necessárias encontra-se no pressuposto da existência real das Ideias Fundamentais e na capacidade intuitiva dos seres humanos.

### O estatuto da intuição

Whewell considera que certas verdades são alcançadas por meio da intuição, mas trata-se de uma “realização difícil e rara” para a qual a mente humana precisa estar preparada por meio de um trabalho extraordinário, dada a “clareza e sutileza” que ela exige. (2010 [1860], p. 339).

Para esclarecer seu funcionamento, lemos em seu Aforismo XXXIX:

*Intuitiva* é o oposto de *razão discursiva*. Na intuição, obtemos nossas conclusões ao nos demorarmos em *um* aspecto da Ideia Fundamental; no raciocínio discursivo, nós combinamos *vários* aspectos da Ideia, (i. e., vários axiomas) e raciocinamos a partir de sua combinação. (2009 [1840a], p. 7, itálicos do autor)

Estas intuições originam os axiomas das ciências.

O meio pelo qual tais ideias se tornam a fundação da Ciência é que, quando elas são clara e distintamente consideradas na mente, dão origem a inevitáveis convicções ou intuições, as quais podem ser expressas por Axiomas, e esses Axiomas são as fundações das ciências respectivas de cada Ideia. (...) A Ideia de Força Mecânica (uma modificação da Ideia de Causa) quando claramente desenvolvida na mente, dá à luz os Axiomas que são os fundamentos da ciência da Mecânica. (Whewell, 2010 [1860], p. 336-337)

O caráter progressivo da intuição transparece claramente na asserção seguinte: “Há verdades científicas que são vistas por intuição, mas esta intuição é progressiva” (Whewell, 2010 [1860], p. 344). A abrangência dessa característica é observada por Butts:

O caráter desenvolvente ou progressivo da intuição da necessidade era um aspecto fundamental das quatro teorias de Whewell: (1) sua teoria da verdade necessária; (2) sua teoria do raciocínio matemático; (3) sua teoria do desenvolvimento histórico da ciência; (4) sua teoria da educação. (1965, nota 16, p. 168)

Segundo Snyder (1994), tal intuição é progressiva porque nossas ideias precisam ser ‘explicadas’ (cf. nota 7) antes que possamos conhecer seus axiomas *a priori*. Butts (1965) considera a justificação desse aspecto

progressivo o principal problema enfrentado por Whewell, juntamente com o problema de como garantir que as Ideias intuídas não sejam vazias, mas, ao invés disso, apreendam de fato uma porção da realidade (cf. 1965, p. 178).

Estas considerações devem ser suficientes para efetuarmos alguns ajustes em certas visões de comentadores.

A concepção de Snyder (1994) e Morrison (1997), quanto ao imediatismo ser a principal característica da intuição segundo Whewell, precisa ser revista em virtude da própria distinção que o filósofo efetua, entre intuição e razão. Como se vê, na citação acima do Aforismo XXXIX, o filósofo utiliza a racionalidade – não o imediatismo – como elemento para diferenciar a apreensão intuitiva do raciocínio discursivo, o que conduz à conclusão plausível de que a intuição é uma faculdade humana não-racional.

Também a afirmação de que se trata de um mero aspecto da estrutura cognitiva do ser humano, como quer Morrison (1997), parece desconsiderar a visão do próprio filósofo. Diz Morrison:

As muitas observações de Whewell sobre a mente como fonte da necessidade das ideias que são vistas como verdades por intuição, parecem sugerir uma forma de psicologismo que simplesmente localiza a necessidade na mente e está des preocupada ou inconsciente da necessidade de qualquer outra justificação que pudesse estabelecer a necessidade das ideias. (*id., ibid.*)

A concepção whewelliana, contudo, parece melhor traduzida nos escritos de Butts (1965). Segundo ele,

Não pode haver verdade científica empírica que não esteja condicionada pelos axiomas necessários expressando Ideias Fundamentais, e não pode haver intuição de necessidade sem uma experiência das coisas que irá interpretar e tornar compreensíveis os axiomas necessários. Eu penso que devemos aceitar que uma identificação buscada nos termos da antítese fundamental nos leva muito além da filosofia crítica de Kant. Pois se nós levarmos Whewell a sério, cada uma de suas Ideias Fundamentais deverá ser tida não só como princípio constitutivo do conhecimento, mas também como realidade não subjetiva, extramental. (Butts, 1965, p. 176)

Diferente de Morrison (1997), Butts (1965) desvenda o pano de fundo do realismo metafísico por trás da afirmação de Whewell sobre o

objeto de nosso conhecimento. Para ele, a ciência trata de entidades que realmente existem fora da mente, e assim são as Ideias, da forma como ele as concebe.

O que Morrison (1997) propõe, com seu psicologismo, não necessitaria de uma base realista. De fato, se concordarmos com ela e mantivermos uma atitude antirrealista, teremos de considerar que Whewell desenvolve um raciocínio circular em torno, por exemplo, da Ideia Fundamental de Causa e da assunção de Deus como Causa Primeira. Ele seria expresso da seguinte maneira: Deus colocou em nossas mentes a Ideia Fundamental de Causa. A Ideia Fundamental de Causa torna a existência de Deus (causa primeira) uma necessidade. Ou seja, estando a Ideia de Causa em nossa mente, expressa pelo axioma “todo efeito tem de ter uma causa”, seríamos, por esse motivo, obrigados a considerar que a Criação é o efeito de uma causa: a ação de um Criador. E que a harmonia e unidade observadas na Natureza seriam resultado da ordem que Ele estabeleceu. Ora, mas se foi “Ele” quem colocou em nossas mentes o germe da Ideia de Causa, refletindo os princípios e leis presentes na Criação, isso de fato nada provaria sobre Deus, nem sobre uma Causa Primeira. Teríamos apenas de nos perguntar, com Fisch (1985, p. 242): “Nossa intuição espelha algum mérito (ainda inarticulado) de nossa teoria, ou ela apenas reflete a agradável surpresa de haver afortunadamente conjecturado direito?”

Algum esclarecimento em torno do assunto é possível se voltarmos ao início e revisitarmos alguns conceitos de Whewell.

O binômio ideia/sensação, em sua interação obrigatória e inseparável, garante que as Ideias não podem ser vistas como puros objetos da mente, mas resultam de nossa *percepção* (cf. nota 6) do mundo.

A luz nos revela ao mesmo tempo a existência de objetos externos e nosso próprio poder de ver. O exercício de nossos sentidos revela para nós, simultaneamente, o mundo externo e nossa própria ideia de espaço, tempo, e outras condições sem as quais o mundo externo não poderia ser, nem observado, nem percebido. (Whewell, 2010, p. 76)

Sobre o valor da experiência, diz ele que “experiências veem que as asserções são verdadeiras, mas não veem quão profunda e absoluta é a sua verdade (*id.*, *ibid.*, p. 74). A profundidade e universalidade pertencem à Ideia, cujo poder resulta de sua própria natureza e não pode ser entendida

por meio de uma explicação verbal (cf. *id.*, *ibid.*, p. 77). Somente os axiomas – definidos por Whewell como enunciados das condições necessárias e evidentes impostas sobre nosso conhecimento pelas Ideias Fundamentais (*id.*, *ibid.*, p. 66) – podem ser objetos do raciocínio, combinados e comparados. Ideias, cujo conteúdo está além da possibilidade de verbalização e das argumentações conceituais, só podem ser intuídas.

A intuição, porém, como temos visto, não é um fenômeno gratuito e espontâneo, ela surge do contato entre concepções e observações, que impedem que nos percamos em especulações vãs, o que resolve o problema apontado por Butts (1965, p. 178), ou seja, a dificuldade de justificar o caráter progressivo da intuição.

A experiência sozinha pode mostrar o que é verdadeiro, não, o que é necessário. Isso quem faz é a intuição que, como poder não racional, não se põe contrária à razão, mas como faculdade humana além da razão. Como escreve Whewell,

somos levados pelas ciências materiais [...] às fronteiras de uma região mais elevada e a um ponto de vista de onde temos a prospecção de outras províncias do conhecimento, no qual outras faculdades do homem são consideradas além das intelectuais, outros interesses envolvidos além das especulações. (*id.*, *ibid.*, p. 708)

Podemos interpretar a intuição como esse convite para aprendizagens mais elevadas, para descobertas mais amplas e profundas sobre as leis da Natureza que se encontram além da possibilidade das nossas especulações e de nossa apreensão intelectual presente, e que pressupõem o realismo metafísico na ciência.

Visto haver leis naturais, a existência e ação reais de Deus, para Whewell, são certas “científicas”. Afirma ele que não podemos conceber “um Universo governado por leis gerais de outra forma que não concebendo uma Deidade inteligente e consciente que originalmente as contemplou, estabeleceu e aplicou” (Whewell, 2009 [1836], p. 301).

Diante deste cenário, e do evidente realismo científico presente nas visões do filósofo, vemos que a disputa entre os dois meios de justificação da necessidade – o teológico, segundo Snyder (1994) e Butts (1965), e o epistemológico, segundo Fisch (1985b) – pende a favor de Fisch. Como diz ele (1985b, p. 313),

as meditações teológicas de *On the Philosophy or Discovery*, não devem ser consideradas relativas a uma “ansiedade filosófica sobre a questão da justificação final daquelas proposições cuja necessidade houver sido intuída”, como Butts considerou [cf. Butts, 1965, p. 174], mas como a admiração por parte de um homem extremamente religioso pelo fato de que a mente é percebida como capaz de construir o aparato conceitual requerido para a interpretação bem sucedida da natureza.

Assim, vê-se também como a filosofia de Whewell se apresenta confiante nas faculdades humanas que lhe permitem construir os passos de uma ciência que desvenda de fato o Universo.

### Conclusão

Vimos que o debate na literatura, acerca do estatuto da intuição segundo a teoria do conhecimento de William Whewell, se refere a visões segundo as quais prevalece o imediatismo ou os aspectos psicológicos do ser humano.

Este estudo propôs-se a indicar outro caminho possível, baseado na existência de verdades inacessíveis às capacidades racionais e intelectuais do ser humano – contudo ao alcance de seu poder intuitivo – e também no realismo metafísico, implícito nessa noção de intuição.

Mostramos que esta visão encontra suporte nos escritos do próprio Whewell, e concorda com os conceitos mais fundamentais de seu pensamento filosófico. “Sua filosofia da ciência é também uma análise do entendimento humano”, como bem observa Flohr (s/d, p. 2) e, em seu interior, a faculdade intuitiva revela sua função heurística no desenvolvimento das ciências.

Por tudo o que vimos, a intuição segundo Whewell pode ser considerada uma faculdade não racional do ser humano, que lhe permite perceber verdades que estão fora do alcance de suas capacidades intelectuais e além das conceituações racionais.

### Referências

- ACHINSTEIN, P. Evidence. In: PSILLOS, S.; CURD, M. *The Routledge Companion to philosophy if science*. London, New York: Routledge, 2008.
- BIRD, A. The historical turn in the philosophy of science. In: PSILLOS, S.; CURD, M. *The Routledge Companion to philosophy if science*. London, New York: Routledge, 2008.

BUTTS, R. Necessary truth on Whewell's theory of science. *American Philosophical Quarterly*, v.2, n.3 (Jul., 1965), p. 161-181.

CHIBENI, S. S. Afirmando o consequente: uma defesa do realismo científico. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v.4, n.2, p. 221-249, 2006

FISCH, M. Whewell's consilience of inductions – An evaluation. *Philosophy of Science*, v.52, n.2 (Jun., 1985a), p. 239-255.

\_\_\_\_\_. Necessary and contingent truth in William Whewell's antithetical theory of knowledge. *Studies In History and Philosophy of Science*, Part A, v.16, n.4, December 1985b, p. 275-314.

FLOHR, B. *The relationship between knowledge and experience in the nineteenth century*. Disponível em: <<http://www.itp.uni-hannover.de/~flohr/papers/m-vict-sci2.pdf>> Acesso em 09 Dez 2009.

MORRISON, M. Whewell on the ultimate problem of philosophy. *Studies in History and Philosophy of Science*, v. 28, n. 3, 1997, p. 417-437.

SNYDER, Laura J. It's *All* Necessarily So: William Whewell on Scientific Truth. *Studies In History and Philosophy of Science*, v.25, n.5, p. 785-807, 1994.

\_\_\_\_\_. William Whewell. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2006 Edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/whewell/>> Acesso em: 27 Nov 2009.

WHEWELL, W. *Astronomy and general physics considered with reference to natural theology*. London: W. Pickering, 1836. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 30 Out 2009.

\_\_\_\_\_. *Aphorisms concerning ideas, science, and the language of science*. London: J. W. Parker: 1840a. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 05 Dez 2009.

\_\_\_\_\_. *The Philosophy of the Inductive Sciences, founded upon their history*. v.2. London: J. W. Parker, 1840b. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/philosophyinduc00whewgoog>> Acesso em: 30 Out 2009.

\_\_\_\_\_. *On the philosophy of discovery*. London: J. W. Parker, 1860. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 01 Mai 2010.

\_\_\_\_\_. *The Philosophy of the Inductive Sciences, founded upon their history*. v.1. Classic Reprint Series. Lexington: Forgotten Books, 2010.